

TOPONÍMIA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: SUGESTÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES*

TOPONYMY AND THE TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE: DIDACTIC- PEDAGOGICAL INTERDISCIPLINARY SUGGESTIONS

Rodrigo Vieira do Nascimento 1

Resumo: Este trabalho, em seu objetivo geral, fundamenta-se em promover discussões que circundam propriamente a Onomástica (especificamente da Toponímia) e o ensino de Língua Portuguesa, no que tange, principalmente, os aspectos etimológicos, semânticos e morfológicos, buscando fomentar, por intermédio dos conceitos e procedimentos da pesquisa toponímica, a intersecção entre léxico, história, cultura, e ensino. Trata-se, pois, de um estudo no nível lexical (onomástico-toponímico), histórico-cultural e pedagógico. Esta investigação pauta-se na seguinte questão norteadora: de que forma o estudo dos nomes de lugares do pode contribuir para a ampliação do leque de informações linguísticas, etimológicas, geo-históricas e socioculturais na prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa da Educação Básica? Os procedimentos metodológicos da pesquisa se fundamentarão nos princípios metodológicos da pesquisa bibliográfica, sendo a abordagem qualitativa adotada como tratamento heurístico apropriado para construir teórico-metodologicamente os sentidos que versam o presente estudo. O estudo permitiu visualizar, essencialmente, o estudo toponomástico como uma fonte extensa, como espaços vivos de história, cultura e identidade, já que os estudos dos nomes dos lugares exprimem uma efetiva apropriação do espaço pelos grupos culturais e, dessa maneira, é possível tomar conhecimento da cosmovisão de mundo de determinados povos e das muitas histórias envolvidas na escolha dos nomes.

Palavras-chave: Toponímia. Ensino. Língua Portuguesa.

Abstract: This work, in its general objective, is based on promoting discussions about Onomastics (specifically Toponymy) and the teaching of the Portuguese language, mainly regarding etymological, semantic and morphological aspects, trying to promote, through the concepts and procedures of toponymic research, the intersection between lexicon, history, culture and teaching. It is, therefore, a lexical (onomastic-toponymic), historical-cultural, and pedagogical study. This research is based on the following guiding question: how can the study of place names contribute to the expansion of the range of linguistic, etymological, geo-historical and sociocultural information in the pedagogical practice of teaching Portuguese in Basic Education? The methodological procedures of the research will be based on the methodological principles of bibliographic research, and the qualitative approach will be adopted as the appropriate heuristic treatment to theoretically and methodologically construct the meanings that the present study is about.. The study allowed visualizing, essentially, the toponymic study as an extensive source, as living spaces of history, culture and identity, since the studies of place names express an effective appropriation of space by cultural groups and, in this way, it is possible to become aware of the worldview of certain peoples and the many stories involved in the choice of names.

Keywords: Toponymy. Teaching. Portuguese Language.

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da
Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente na Universidade Estadual do
Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8227728628110178>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6699-164X>.
E-mail: rodrigo.vn@unitins.br

*Este texto se apresenta como resultado parcial da tese em desenvolvimento intitulada "A TOPONÍMIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS: INTERSECÇÕES ENTRE LÉXICO, CULTURA E ENSINO", a qual será defendida em 2022.

Considerações Iniciais

O lugar é essencialmente um produto da experiência humana (LEITE, 1991) e muitos são os fatores que condicionam a sua nomeação. Desde o momento em que o falante escolhe um termo da língua para nomear o espaço, seja lá qual for sua motivação (física ou antropocultural)¹, “está impondo sua percepção da realidade circundante” (SILVA; MORAES (2015, p. 5).

O homem, ao fazer uso de signos linguísticos, estimulados pela necessidade de nomear, diferenciar e indicar, “utiliza-se de variadas estruturas linguísticas, que combinam motivação, convenção e identificação, produtos psíquicos da história sócio-político-cultural de um povo” (SEABRA, 2006, p.139), sendo que, por meio desses processos de nomeação e designação dos espaços no mundo, “o homem (re)conceptualiza e (re)constrói sentidos sócio-históricos e culturais” (SANTOS, 2012, p. 21).

O que implica dizer que, ao cognominar os lugares, certos aspectos sociais, históricos, culturais e ambientais podem influenciar o nomeador e “são esses fatores que, juntos, constituem a motivação que imprimem ao signo toponímico uma marca representativa feita pelo nomeador no ato da nomeação” (SILVA, 2017, p. 7). Assim, o topônimo, ou o nome do lugar, posto isto, é uma porção delimitada do espaço, uma tradução fidedigna da forma como o homem se apropriou do lugar. O que torna veraz a concepção de que a “espacialidade é o laço que ata a linguagem à experiência que o ser humano constrói sobre o mundo” (CARVALHO, 2012, p. 26). Afinal, “somos seres presos ao espaço [...] e as designações espaciais fazem parte da nossa identidade, tanto quanto o espaço é essencial à nossa sobrevivência” (FAGGION; MISTURINI; DAL PIZZOL, 2013, p. 11).

No ato da nomeação dos topônimos, ao contemplar a configuração geográfica, eventos históricos, dados da paisagem, dentre outros, por si só motivadores da denominação, passam a revelar o intuito de quem nomeia, explicam Faggion, Misturini e Dal Pizzol (2013), sendo, assim, uma prática cultural, sócio-histórica e discursiva².

Dessa forma, o topônimo, como enunciados linguísticos resultantes de construções populares, muitas vezes, espontâneas, “não é algo estranho ou alheio ao contexto ambiental, histórico-político e cultural da comunidade. Ao contrário, reflete e refrata de perto a própria essência do ser social, caracterizado pela substância de conteúdo” (ANDRADE, 2010, p. 213). As nomeações dos topônimos são, em verdade, portfólios socioculturais e funcionam como pressupostos inalienáveis que carregam traços identitários. São, assim, impregnados de memória e significações e constituem um cenário vivo integrado à história da vida local (SILVA; MORAES, 2015).

Dessa forma, o estudo dos nomes de lugares é vislumbrado, nesta discussão, como mecanismo para apreender estreitamente o território instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Parte-se da premissa que o estudo onomástico-toponímico “é muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população” (DICK, 2007, p.144).

Por isso, a Toponímia, pautada, geralmente, em (re)estabelecer dados etimológicos e o caráter morfo-semântico (bem com suas transformações linguísticas) de um conjunto de nome de lugares, é, assim, dispositivo científico fundamental nesta investigação, que pauta-se em promover discussões que circundam propriamente a Onomástica (especificamente da Toponímia) e o ensino de Língua Portuguesa, no que tange, principalmente, os aspectos etimológicos, semânticos e morfológicos, buscando fomentar, por intermédio dos conceitos e procedimentos da pesquisa toponímica, a intersecção entre léxico, cultura e ensino.

Paralelamente, é importante observar, nas orientações educacionais legais, as formas

¹ De acordo com Dick (1990), a motivação toponímica é derivada de um elemento físico ou antropocultural. As motivações de ordem física podem ser constituídas a partir de elementos próprios do lugar, como a topografia, hidrografia, fitogeografia, fauna, flora etc., e as motivações impulsionadas pela natureza antropocultural podem ser concebidas levando em conta os coeficientes histórico-culturais e político-sociais inerentes às situações experienciadas pelo o homem em seu contexto de relações interpessoais.

² “Toda palavra é, originalmente um evento, é possível descobrir na palavra o registro dos pensamentos mais primitivos da humanidade” (DA MATTA, 2005, p. 118).

como são abordados os estudos dos nomes de lugares no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Intenta-se, nessa direção, por intermédio dos objetos de conhecimento dos componentes que constituem a Língua Portuguesa, pensar propostas didáticas como caminho metodológico e pedagógico para trabalhar os nomes de lugares, a fim de promover, otimizar e/ou ampliar o conhecimento do aluno.

É a partir da multiplicidade de perspectivas de investigação toponímica que esta pesquisa se desabrocha: problematiza-se, aqui, o estudo dos nomes de lugares inseridos no contexto do ensino de Língua Portuguesa da Educação Básica. Para tanto, esta investigação pauta-se na seguinte questão norteadora: de que forma o estudo dos nomes de lugares do pode contribuir para a ampliação do leque de informações linguísticas, etimológicas, geo-históricas e socioculturais na prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa da Educação Básica?

Parte-se do pressuposto que a Toponímia, aliada ao ensino, tem mostrado sua dinamicidade e seu caráter interdisciplinar, mostrando-se importante no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que os estudos dos nomes de lugares revestem-se de um particular significado para a compreensão histórica e cultural de determinados povos, pois permitem a identificação, compreensão e reconhecimento de fatos linguísticos, de ideologias e crenças presentes no ato denominativo. A escola, nessa perspectiva, quando possibilita ao aluno uma imersão na realidade que o cerca, os nomes de lugares podem contribuir notadamente para a compreensão da cultura local e artefatos identitários.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa se fundamentarão nos princípios metodológicos da pesquisa bibliográfica. A abordagem qualitativa será adotada como tratamento heurístico apropriado para construir teórico-metodologicamente os sentidos que versam o presente estudo. E, nessa linha, seguir-se-á as premissas investigativas do método indutivo, como procedimento sistemático para a observação, levantamento e constatação de hipóteses, no fito de melhor descrever e explicar os fatos observados.

Direcionado pelo signo toponímico, visualiza-se, essencialmente, o estudo toponomástico como uma fonte extensa, como espaços vivos de história e cultura, já que os estudos dos nomes dos lugares exprimem uma efetiva apropriação do espaço pelos grupos culturais e, dessa maneira, é possível tomar conhecimento da cosmovisão de mundo de determinados povos e das muitas histórias envolvidas na escolha dos nomes.

Toponímia – o lugar como uma teia de relações

Com a sua consolidação na metade do século XIX, a Onomástica, ramo das ciências da linguagem, ao ocupar-se do léxico geral de uma língua, integra-se à Lexicologia³, tendo como objeto de pesquisa o nome próprio, necessariamente. Suas bases epistemológicas e metodológicas, com a compartimentação dos designativos em seu âmbito, têm sanado, mediante inúmeras pesquisas, a nível nacional e internacional, as diversas inquietações e discussões a respeito das categorias atributivas do nome próprio. Como campo das ciências lexicais, em suas investigações centradas no *onoma*⁴, caracteriza-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo: a Antroponímia, centrada no signo antroponímico, por meio da motivação denominativa dos nomes próprios individuais, sobrenomes e as alcunhas ou apelidos, e a Toponímia, que concentra-se no estudo do léxico toponímico, por intermédio do estudo dos nomes próprios de lugares.

Sobre o estudo dos antropônimos e dos topônimos, Dick (1992, p. 178) revela que ambos os designativos de pessoa e lugar “ultrapassam, em muito, a conceituação teórica que lhes é atribuída, tornando-se, nas Ciências Humanas, fontes de conhecimento tão excelentes

³ A Lexicologia no estudo científico, sob diversos aspectos, do “universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e renovação lexical” (BARBOSA, 1990, p. 157). Na Lexicologia, o acervo das unidades lexicais de um determinado idioma (o léxico em si) pode ser investigado por meio de uma análise diacrônica, estudando as suas origens, ou, por outro lado, perscrutado pelo ponto de vista sincrônico, observando as suas formas e os significados das unidades lexicais no sistema e no uso na comunidade dos falantes (QUIVUNA, 2013).

⁴ Neste estudo, o onoma deve ser compreendido como o ato de nomear. Segundo Carvalhinhos (2008, p. 03), o onoma é utilizado para designar objetos, seres individuais e atividades humanas.

quanto as melhores evidências documentais”. Por essa razão, são, por assim dizer, “verdadeiros registros do cotidiano, manifestados nas atitudes e posturas sociais”. Os nomes próprios podem, portanto, ser a fonte para entender a lógica da vida social, o que se comprova que o sistema de nomação de um povo revela muito a respeito da sua própria cosmologia e do seu *modus vivendi*. A Onomástica, nesse viés, no estudo do nome próprio de pessoa ou lugar, pode em muito auxiliar no conhecimento do agir e do viver individual ou coletivo, revelando, por exemplo, indícios de comportamentos passados e condutas presentes no cotidiano, bem como vestígios de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população.

Referindo-se, geralmente, às pessoas e aos lugares, a Onomástica, ciência linguística, estabelece sentido de unidade diante de diversos saberes, posto que alimenta-se e é retroalimentada por conceitos, dados e teorias de outras áreas do conhecimento, tais quais “a história, geografia e da própria linguística e, vez por outra, recorre à epigrafia, arqueologia, arquivística, paleografia, etnografia, folclore, psicologia (social), topografia, botânica etc.”, exemplificam Ramos e Bastos (2010, p. 86). A Onomástica, nessa perspectiva, assume uma perspectiva “capaz de integrar métodos e um número considerável de conhecimentos de campos muito diversos, de maneira direta ou vertical e indireta ou horizontal, predominando, contudo, a perspectiva linguística, com valoração, em particular, da pesquisa etimológica” (RAMOS; BASTOS, 2010, p. 87). Essa teia de relações inter e transdisciplinares, por certo, tem promovido o alargamento de seu próprio alcance conceitual, favorecendo, indubitavelmente, a incorporação de novas perspectivas de estudo, ampliando seu campo de interesse.

As pesquisas onomásticas (quer se tratem do estudo dos nomes próprios de pessoas, quer se concentrem nos nomes próprios de lugares), na prática, costumam ser delineadas, geralmente, à luz das premissas das investigações de cunho documental ou de campo, com auxílio de mapas, listas de nomes ou outros documentos de valor historiográfico e lexicográfico, e seguem “um método pelo qual se seleciona, observa, registra, classifica, analisa e interpreta o dado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do corpus” (RAMOS; BASTOS, 2010, p. 87). Os estudos na teoria da onomástica são salutares, pois, como bem evidencia Silva (2000, p. 60), ao buscarem a etimologia e a história dos nomes, mais precisamente dos respectivos lugares (combinando com o conhecimento linguístico e o ambiente em que o indivíduo está inserido), se tornam fundamental “para evidenciar as inter-relações de L(íngua) – P(opulação) – T(erritório)”.

Os nomes próprios de lugares são os elementos peculiares deste breve estudo onomástico, por isso, persegue-se, em torno de toda a investigação, o material semântico ou a matéria-prima com que se produzem tais topônimos. Por essa razão, para este trabalho, esquivam-se dos paradigmas epistêmicos da Antroponímia (por não ser o foco desta pesquisa) e focaliza-se nos princípios investigativos da Toponímia e/ou Toponomástica.

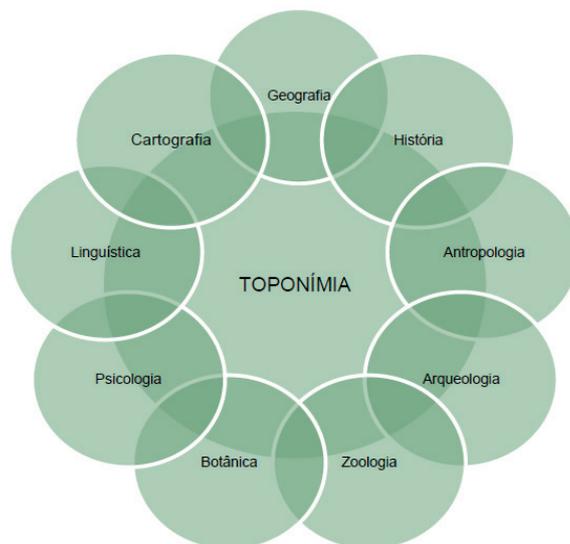
No Brasil, o desenvolvimento e o avanço dos estudos onomásticos aconteceram, de fato, graças aos trabalhos da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo (USP), que, com seus procedimentos e metodologias de pesquisa, propuseram maior visibilidade e notoriedade às investigações cujo objeto de estudo são os sistemas de denominação. Seguindo a teoria de Dauzat e sendo orientada por Drumond, a pesquisadora Dick prosseguiu, principalmente, com as investigações acerca dos topônimos, criando categorizações metodológicas para a motivação dos mesmos e para a sua descrição e a análise nos Atlas Toponímicos brasileiros. Em consequência dos seus inúmeros e relevantes trabalhos publicados nessa seara, a Toponímia firmou-se, no Brasil, como disciplina antiga que se ocupa do estudo dos nomes de lugares.

Norteadas pela função onomástica, a Toponímia estabelece sentido de unidade diante de diversos saberes: “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social, e até mesmo à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1990, p. 2). Via integração com outras áreas do conhecimento, a Toponímia revela-se, assim, uma disciplina interdisciplinar, “um complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam” (DICK, 1990, p. 19).

Considerando que todo topônimo conserva uma motivação toponímica, envolver-se em estudos acerca da Toponímia é penetrar na complexa teia das diversas áreas do conhecimento,

quando investigamos os nomes de lugares nos aspectos linguísticos e extralinguísticos. Assim, a Toponímia revela-se uma disciplina interdisciplinar, na qual, alimenta e é retroalimentada por fios de diversas áreas do conhecimento, como exemplifica Andrade (2011) na figura a seguir:

Figura 1. Toponímia no contexto interdisciplinar



Fonte: Nascimento (2017) adaptado de Andrade (2011, p. 220).

O reconhecimento do caráter interdisciplinar que essa disciplina alcança revela a importância que têm as pesquisas desta natureza. Por isso, relevante tem sido a aplicação da Toponomástica no contexto de ensino da Educação Básica. Diversas já são as contribuições atuais dos estudos toponímicos no âmbito do ensino, em que pesquisadores, na investigação de seus objetos complexos de pesquisa, têm buscado transcender à visão reducionista do saber e, ao fugirem do paradigma empirista e positivista, têm lançado propostas interdisciplinares de ensino que favorecem a aquisição de múltiplos conhecimentos.

Na superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento, a acoplagem de disciplinas emerge como real viabilidade para a constituição de determinados saberes. E quando cogita-se associar Toponomástica e o ensino, o propósito é “lançar uma ponte para ligar as disciplinas” (JAPIASSU, 1976, p. 75). E esse elo, no contexto escolar, é, propriamente, o topônimo, o qual, ao ser estudado, pode concorrer, notadamente, para a compreensão de substratos antropolinguísticos, etno-geo-históricos, socioeconômicos e culturais de um grupo.

Dessa forma, nos fios da tessitura da Toponomástica, em que, metaforicamente, para se formar o tecido é necessário que os fios sejam trabalhados de forma conjunta, quando se pensa a relação dessa disciplina com a esfera do ensino e aprendizagem, o viés mais enfocado é o que considera e “aproveita” o seu caráter interdisciplinar.

Evidencia-se, nesta investigação, a relação da Toponomástica com o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, reconhecendo que o topônimo pode ser “a ponte” para conectar-se as outras áreas de conhecimentos. Além disso, parte-se da premissa que os estudos dos nomes de lugares, como conteúdo didático, ainda carecem de reflexões e discussões aprofundadas, no que tange a sua utilização na Educação Básica. Para tanto, ao problematizar a Toponímia no contexto do ensino, as orientações educacionais legais tornam-se fundamentais, já que são documentos normativos de políticas curriculares direcionadas à Educação Básica. Ao conduzir os pressupostos da Toponímia ao viés pedagógico, é sempre substancial realizar, nos manuscritos educacionais legais, uma análise acerca das orientações direcionadas ao ensino-aprendizagem dos nomes de lugares na(s) área(s) de conhecimento(s) que se deseja vincular.

Léxico toponímico no contexto escolar e as orientações curriculares

A base teórico-metodológica das pesquisas toponímicas direcionadas ao fazer pedagógico tem sido, essencialmente, os documentos parametrizadores que norteiam a Educação Básica no Estado. No âmbito nacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atualmente, alicerçam essas discussões atuais, em acordo as orientações curriculares estaduais. A abordagem dos topônimos em tais manuscritos ainda é incipiente, realizada de forma implícita, já que não se preconizam, especificamente, discussões em torno das particularidades dos nomes de lugares. Todavia, incitam-se a ampliação da capacidade dos alunos de observar e conhecer as características do lugar em que vivem e das diferentes paisagens e espaços geográficos.

De caráter normativo, os manuscritos legais nacionais direcionados às escolas públicas canalizam orientações e diretrizes destinadas “ao conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7). Como um documento de orientação pedagógica, sustentado em princípios que visam necessariamente à formação humana integral e à construção de uma sociedade ética e inclusiva, a BNCC, o documento parametrizador mais recente direcionado à Educação Básica, sustenta que as aprendizagens essenciais devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências específicas, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018).

Para a BNCC (2018), competência é definida como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. Dentre algumas competências gerais da Educação Básica, a BNCC (2018) frisa que escola deve

valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que possibilitem o *aluno* entender as relações próprias do mundo e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018, p. 9, grifo nosso).

Quanto ao ensino da língua materna, o documento preconiza que a escola deve possibilitar aos estudantes “participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas” (BRASIL, 2018, p. 63), a fim de ampliar suas possibilidades de participação na vida social. O documento assume, assim, a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem: “um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20).

Compete, portanto, à componente curricular de Língua Portuguesa proporcionar aos estudantes “experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p. 68). É importante destacar que o conceito de letramento também compreende o desenvolvimento das capacidades dos sujeitos de expor, argumentar, explicar, narrar etc. Por isso, podemos, assim, pensar o léxico como uma construção linguístico-discursiva capaz de angariar saberes que reflitam diretamente nas práticas cotidianas dos discentes.

Antunes (2012, p. 24) nos lembra que os mecanismos lexicais agregam valores culturais e ideológicos específicos que devem ser incentivados durante as aulas de Língua Portuguesa. Secundarizado por tempos, a autora propõe, justamente, uma atenção especial ao léxico na sala de aula a partir das contribuições semânticas, pragmáticas e estilísticas que podem ocorrer a partir do uso consciente dos mecanismos lexicais (ANTUNES, 2012). E é, justamente, a partir do enfoque lexical que o ensino da Língua Portuguesa se torna um campo fértil e salutar para o estudo dos topônimos, posto que são recursos linguísticos pelos quais o homem marca seus vislumbres e dialoga com o mundo.

A partir do léxico toponímico, pode ser possível estabelecer a materialização histórico-geográfica das impressões deixadas pelos indivíduos, ao estudar a cosmovisão e o *modus*

vivendi de determinado grupo.

Esse, por certo, é um dos principais aspectos da relação pedagógica do ensino de Língua Portuguesa com os estudos dos nomes de lugares: com o léxico toponímico, professores e alunos podem contribuir no processo, mediação e ampliação de conhecimentos a respeito das especificidades linguísticas, sociais, geográficas, culturais, históricas, psicológicas relacionadas a sua realidade circundante. O estudo do nome, a saber, designativos de lugares, pode, assim, proporcionar aos alunos e professores reflexões acerca da Onomástica como ferramenta de aprendizagem interdisciplinar em sala de aula que possibilita ao professor trabalhar a partir da realidade do aluno.

A Toponímia como conteúdo didático no ensino de Língua Portuguesa representa um marco importante no estudo da linguagem. Mas, é importante mencionar que a apropriação de um conjunto de nomes de lugares como recurso pedagógico, em seu estudo etimológico, semântico-lexical, fonético-fonológico, morfológico e até dialetológico, ainda carece de reflexões e discussões aprofundadas.

Toponímia e Ensino: o que os nomes de lugares têm a nos dizer - roteiro de atividades

É na dinamicidade dos estudos toponímicos, a qual tem possibilitado, na multiplicidade de conhecimentos, intersecções com ensino, que se intenciona propor aqui um roteiro de ações pedagógicas, cuja finalidade é compreender o topônimo numa perspectiva inovadora e interdisciplinar para os estudos de Língua Portuguesa.

No fito de propiciar novos ambientes de aprendizagem, em que modificam-se práticas tradicionais em atividades criativas, transversais e inovadoras, e na tenção de favorecer ações pedagógicas interdisciplinares, as sugestões pedagógicas que se lançam aqui destinam-se à componente curricular de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental da Educação Básica, a qual o aluno, partindo dos estudos toponímicos e às categorias de espaço geográfico (lugar, território, ambiente e paisagem), poderá construir uma rede de saberes: linguísticos, geográficos, históricos, biológicos, antropológicos.

Será, assim, possível perceber na execução das ações pedagógicas a aproximação de diferentes áreas de conhecimento, por intermédio de um conjunto de atividades. E nesse caso o eixo que integra, conecta e dialoga é a noção de lugar. As ações pedagógicas, nesse sentido, assumirão, em seu bojo, uma concepção dialógica, em que a interação ocorre na e pela linguagem e envolve a construção conjunta do conhecimento - o aluno será visto como protagonista na construção de sentidos.

Dessa forma, o conjunto de ações que se firma neste estudo baseia-se na aproximação dos conteúdos escolares à vida do aluno. E, nisso, as sugestões pedagógicas que aqui se delineiam poderão, a luz do nome de lugar, condicionar ao aluno entender o sentimento de pertencimento ao lugar e identidade local.

A sugestões didáticos deste trabalho, guiadas por suas ações pedagógicas, estarão sustentadas no que postulam as competências gerais da educação básica descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente, no que versa sobre “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p. 9).

Busca-se construir um caminho pedagógico flexível, a fim de propiciar uma aprendizagem efetiva. As sugestões pedagógicas partirão, desse modo, de práticas já conhecidas pelo professor e aluno, já que as propostas pedagógicas que se pretendem lançar não estarão ancoradas ou organizadas no que o aluno não sabe ou é incapaz de fazer e como proceder para ensinar-lhe. A ideia é que a relação professor/aluno seja reconstruída, de modo que a territorialização dos lugares de aprendizagem possa ser desfeita (ALVES, 2020).

As ações didático-pedagógicas, nesse caso sequências didáticas, sustentam-se no desenvolvimento de um conjunto de atividades voltadas ao 6º ano do Ensino Fundamental. As atividades originam-se de um interesse real: valorizar os saberes linguísticos, históricos e so-

cioculturais presentes nos topônimos. A realização das atividades envolverá a leitura de textos que, de fato, circulam na realidade social do aluno e a produção de textos que realmente serão lidos coletivamente, na relação aluno e professor. Além disso, as atividades manterão uma conexão estreita com a vida dos discentes, será considerada, especialmente, as culturas juvenis e as novas linguagens proporcionadas pelo avanço da tecnologia.

Dessa forma, no limiar das inter-relações de saberes que permeiam os estudos onomásticos, a ideia é que professor atinja (dentre outros) os seguintes objetivos:

a) possibilitar ao aluno reconhecer os elementos do léxico, cultura e geo-história envolvidos nos nomes de lugares;

b) propiciar ao aluno, por meio do estudo dos nomes de lugares, (re)conhecer a etimologia do nome, a identidade, a história, o resgate da memória e a apreensão do *modus vivendi* de certos povos ou grupos sociais.

b) aguçar o interesse dos discentes pelas informações toponímicas com as quais se deparam cotidianamente;

c) trabalhar os conceitos ligados ao campo da percepção da paisagem (topofilia⁵, topofobia⁶ e toponímia);

c) promover o contato dos alunos com distintos gêneros textuais, a fim de verificar a presença dos nomes de lugares;

d) corroborar com a construção progressiva da noção de identidade local e pessoal e estimular o sentimento de pertinência (de vínculo, relação, dependência, ligação, com determinado lugar, grupo, história) ao espaço em que o aluno vive e experiencia.

Em sala de aula, o professor deve fundamentar as sequências didáticas a partir da seguinte pergunta norteadora: nomes de lugares, o que tem a nos dizer? Suas propostas deverão ser trabalhadas interdisciplinarmente, respeitando, especialmente, as vivências dos estudantes do 6º ano Ensino Fundamental - estes deverão estar no centro do processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, as metodologias ativas ganham espaço nas sugestões pedagógicas empreendidas, posto que os alunos sairão da condição de meramente passivos e ouvintes para ativos e produtores de conhecimento.

Essas sequências didáticas devem ainda estar fundamentadas por eixos. Os eixos são aqueles já consagrados nos referenciais curriculares da área de Língua Portuguesa, correspondentes às práticas de linguagem: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística. A ideia é iniciar pelo eixo da leitura, seguido por produção textual, oralidade e análise linguística, com a perspectiva de que os eixos sejam trabalhados de forma integrada e não isoladamente, para que o estudante compreenda a função social da Língua.

A partir dos eixos, a ideia é que sejam escolhidos pelo professor distintos gêneros textuais, os quais possam ter estreita relação com as competências específicas⁷ de Língua Portuguesa - Ensino Fundamental. Os gêneros textuais poderão ser trabalhados de três maneiras: a) como objeto de estudo, quando os estudantes identificam a situação comunicativa, o tema/ assunto, a forma de organização e finalidade do texto; b) como meio para estudo de outros conteúdos; c) e, também, de forma interdisciplinar, integrando os saberes.

A partir do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, desenvolvemos um roteiro de atividades que possa contemplar toda a composição desse arcabouço epistemológico do aluno. A proposta encontra-se subdividida em etapas:

levantamento de gêneros textuais pelo professor, os quais possam estimular nos alunos

5 A essa relação (homem e espaço físico), Tuan (2012) discute em seu livro o termo "Topofilia" como um neologismo, que se configura num sentido amplo, o elo afetivo do ser humano com o lugar, considerando, sobretudo, "a percepção, as atitudes e valores envolvidos na relação entre os seres humanos e o meio ambiente" (COSTA; ROCHA, 2010, p. 38). Tuan (2012) refere-se à topofilia como sendo os "laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material" (2012, p.135), ou seja, ao elo de afeição que une as pessoas aos lugares (HOLZER, 2003, p. 117).

6 Em contrapartida ao conceito de Topofilia, em Tuan (2012), a Topofobia representa "o inverso, tendo em vista que o radical fobia remete à aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância" (SILVA, COSTA; MOURA, 2014, p. 254).

7 As competências específicas do componente curricular são meios que buscam possibilitar a "participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania" (BRASIL, 2017, p. 84).

reflexões em torno dos aspectos toponímicos;

discussões temáticas (referentes a própria Toponímia e às categorias de espaço geográfico - lugar, território, ambiente e paisagem) e familiarização com os termos específicos da Toponímia (fichas lexicográfico-toponímicas, taxonomias).

2. diálogo sobre o percurso da presente proposta: objetivos, passos metodológicos (dentro e fora da sala de aula), culminância, áreas que poderão estar envolvidas, etc.

4. registro, pelos alunos e professores envolvidos, de todos os nomes de lugares nos gêneros textuais escolhidos. O professor responsável deverá acompanhar o processo de identificação de topônimos, inclusive poderão fazer uso de uma ficha toponímica para classificação dos topônimos observados.

5. sob acompanhamento do professor, estudo documental e toponímico nos gêneros textuais e materiais coletados. Para tanto, o docente envolvido pode fazer uso de dicionários etimológicos, tupi, livros enciclopédicos, sites, revistas, decretos ou leis de criação, etc. sobre os topônimos registrados.

6. reflexão sobre o resgate da história sociocultural contida nos topônimos tocantinos e como esse fato interfere nas manifestações literárias, artísticas e culturais das populações tradicionais e remanescentes do Estado do Tocantins.

7. por fim, o docente poderá traçar com os alunos, a partir das fichas lexicográfico-toponímicas, um panorama motivacional de uma determinada região, como resgate político, ideológico e cultural do denominador e preservação do fundo de memória de tal território.

O professor, nas respectivas atividades, deve ser cooperativo e participativo e, necessariamente, precisa auxiliar os alunos no desenvolvimento de todas as etapas: deve analisar as fontes de pesquisas (se fonte são verídicas, seguras e confiáveis); ser intermediador no processo de aprendizagem, sobretudo, acerca dos conceitos relativos à Toponímia e “Geografia da Percepção”, por exemplo, sobre as noções de “topofilia”, “topofobia” e “lugar”; e se necessário mediar o diálogo com outros professores de distintas áreas.

A proposta em questão poderá desencadear certas ações:

- a) produção de murais com informações toponímicas;
- b) elaboração de textos sobre os nomes de lugares, registrados nos gêneros textuais, como, artigo de opinião, relato pessoal, resenha crítica, texto argumentativo, entres outros;
- c) exposições orais;
- d) análise linguísticas, por exemplo, análises lexicais, morfológicas e etimológicas;
- c) produção de painéis com fotos e imagens a respeito dos topônimos estudados e até mesmo do desenvolvimento da proposta pedagógica;
- d) produção de fichas lexicográfico-toponímicas;
- e) elaboração de questionários sobre o lugar em que os alunos vivem e experienciam.

As sugestões pedagógicas devem ser desenvolvidas mediante um conjunto de habilidades básicas a serem atingidas. As habilidades propostas nas sugestões pedagógicas não devem limitar a autonomia do professor, podendo, claro, serem organizadas conforme as necessidades de cada contexto escolar e as especificidades regionais.

As diversas formas de linguagens (verbal - oral ou visual-motora, como Libras e escrita -, corporal, visual, artística, sonora e digital) podem tornar objetos de conhecimento nas sequências didáticas, no intuito de que sejam valorizadas como linguagens que expressam e integram as pessoas.

De forma geral, o intuito é oferecer aos professores de Língua Portuguesa um roteiro de atividades que culmine em propostas didático-pedagógicas para turmas do 6º ano do Ensino Fundamental, a qual estabeleça uma inter-relação entre léxico, cultura e história. E para tanto parte-se do pressuposto que os nomes dos lugares são repletos de significado histórico, cultural e social, além de resguardar memórias individuais e coletivas, podendo respaldar a realidade linguística de um determinado povo nos mais diferentes níveis.

Considerações Finais

A discussão empreendida ratifica que a língua é

O reflexo da vida de um povo; quanto mais este progride na cultura das ciências, das letras e das artes, tanto mais se enriquece seu idioma; a língua é o espelho polido que retrata as qualidades cívicas e morais, os usos e costumes que se aprimoram; todas as atividades que se relacionam com o homem, nela transparece (MARQUES, 1950, p. 12)

Nesse caminho, buscou-se evidenciar que os topônimos são excepcionalmente um testemunho notável da história humana e que os estudos toponímicos podem propiciar relevantes contribuições para o resgate etnolinguístico, histórico, identitário e cultural de povos e comunidades tradicionais. O ponto de partida do estudo foi o fato que, partindo da Toponímia, ou melhor, de um conjunto de topônimos, os alunos podem ser condicionados a pesquisar e a conhecer aspectos

da história do bairro, da cidade, do estado, bem como as características socioculturais dos grupos humanos que estão ou estiveram presentes na região; topônimos de elementos geográficos físicos (nomes de rios, de córregos, de morros, de vales, por exemplo) podem evidenciar características da natureza física da região, como aspectos do relevo, da fauna, da flora; a análise da etimologia de um conjunto de nomes, seja de acidente físico ou de acidente humano, também pode evidenciar diversos extratos linguísticos, inclusive desaparecidos (VELASCO; TAVARES, 2017, p. 5).

A reflexão permitiu reconhecer que, merece, portanto, cada vez mais realçar e acentuar essa temática relativamente inovadora na esfera do ensino básico. Além, também, foi possível perceber, nesta investigação, que o topônimo pode ser “a ponte” para conectar a Língua Portuguesa a outras áreas de conhecimentos, tais quais com a Geografia e História, bem como que os estudos dos nomes de lugares, como conteúdo didático, ainda carecem de reflexões e discussões aprofundadas, no que tange a sua utilização na Educação Básica.

Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: ATITO**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

_____. Toponímia e Interdisciplinaridade: primeiras reflexões. In: RAMOS, Derval Venâncio; ANDRADE, Karylleila dos Santos; PINHO, Maria José. (Orgs) **Ensino de Língua e Literatura – Reflexões e Perspectivas Interdisciplinares**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2011.

_____. Atlas Toponímico do Tocantins (ATT): criação de um software para a catalogação dos dados das fichas lexicográfico-toponímicas. **Revista Percursos Linguísticos**. v. 3, n. 7, 2012.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. In: Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília/DF, 1990.

CARVALHO, Francisco de Assis. Entre a palavra e o chão: memória toponímica da estrada real. 2012. 535f. **Tese** – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Linguística. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. São Paulo/SP, 2012.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

_____. As terminologias nas ciências onomásticas. Estudos de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Volume III**. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

HOLZER, Werter. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio-ambiente. In: **Território** / LAGET, UFRJ. – ano II, N.º 3 (jul. / dez. 1996) – Rio de Janeiro: Garamond, 1996.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Terras e territórios de negros no Brasil**. Santa Catarina: Editora UFSC, 1991.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim; BASTOS, Gleyce Ramos. Onomástica e possibilidades de releitura da história. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, Ano 15, N. 30, Agosto de 2010, Semestral.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p. 1953-1960.

TUAN, Yi-Fu. Tradução: Lívia de Oliveira. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

Recebido em 15 de setembro de 2021.

Aceito em 08 de novembro de 2021.